

Porta dos Fundos *Samney, José*

Vai para o currículo do senador José Sarney (PMDB, Amapá) o constrangimento gerado por ele na solenidade de posse do novo presidente. Quando Fernando Henrique Cardoso, já empossado, acompanhava Itamar Franco ao deixar o Planalto, Sarney teve uma recaída no seu narcisismo congênito. Enquanto os outros ex-presidentes aceitam o anonimato, Sarney não se resigna. O ex-presidente não resistiu às câmeras de televisão, deu um pulo e caiu no meio da comitiva oficial.

Pegar carona é um hábito incorrigível daquele que ocupou a presidência da República sem ter sido eleito e que, como vice, não fez cerimônia de empossar-se num lugar que não vagou porque não chegou a ser ocupado pelo presidente eleito. Com a mesma sem-cerimônia com que tomou posse indevidamente, o senador Sarney não se conteve na cerimônia de cumprimentos do presidente que entrava e do que saía. Apresentou cumprimentos extraprotocolares, sem razão de ser.

Como não foi retirado de cena, ficou por ali até que a comitiva se movimentou: engrenou então uma segunda e desceu a rampa como se fosse um direito natural. Os psicólogos viram o episódio como uma compulsão, como a mania de falar espanhol (por aproximação com o português) quando estava fora do país. Já os economistas explicam que, por incapacidade de resistir ao oportunismo, Sarney quis tirar uma casquinha na popularidade de Itamar Franco. Ou seja, entendeu os 88% da popularidade alheia com os 88% de inflação com que, finalmente, passou o poder a Fernando Collor (e saiu pelos fundos).

Ao pegar carona na apoteose de Itamar Franco, Sarney quis apenas dar uma satisfação aos seus eleitores de consolação (no Amapá). Descendo a rampa do Planalto, com cinco anos de atraso, não levou a vaia que evitou saindo pelos fundos do palácio. Mas não engana ninguém.